

Análise de Textos Argumentativos

O empresário Antonio Ermírio de Moraes escreveu o artigo abaixo (*Folha de São Paulo*, 3/8/97) em que se manifesta sobre a sujeira na cidade de São Paulo. Leia o artigo com atenção e reflita também sobre o que está sugerido nas entrelinhas a propósito de pobreza, cidadania, limpeza, ação governamental etc.

TEXTO II

Até quando, São Paulo?

Os leitores têm todo o direito de se queixar quando volto a um mesmo assunto. Acontece que o retorno ao tema decorre da persistência do problema. Refiro-me à imundície que campeia na cidade de São Paulo.

Muita gente confunde pobreza com sujeira. Nada mais errado. As pessoas humildes são exatamente as que mais valorizam o asseio, a higiene e a limpeza.

Você já notou como é generalizado o banho dos trabalhadores da construção civil depois de uma jornada de trabalho? Você já reparou como são bem areadas as panelas das donas-de-casa dos domicílios das periferias? Você já observou a brancura das camisas e blusas dos uniformes dos seus filhos?

O que se vê na capital de São Paulo é fruto de puro abandono e total falta de autoridade. São pessoas imundas que emporcalham a cidade como prova da sua selvageria e reflexo da insensibilidade dos governantes.

Uns defecam nos jardins. Outros cozinham debaixo dos viadutos. Há ainda os que penduram a roupa encardida nos galhos das árvores. Tudo a céu aberto e no maior acinte aos cidadãos que aqui vivem.

Na ausência de um plano diretor para cuidar da habitação, avoluma-se o número de pessoas que, usando tábuas, papelão e até embalagens de geladeiras, vão se mudando definitivamente para debaixo das pontes, onde passam a residir “tranquilamente” no meio de escandalosa sujeira.

O mais espantoso é ver as autoridades municipais e estaduais consentirem com a multiplicação desses chiqueiros que, na verdade, são uma verdadeira provocação aos que pagam altos impostos e que têm o direito de exigir um mínimo de higiene na cidade em que habitam e trabalham.

Já passou bastante da hora de as autoridades agirem. Elas estão atrasadas há vários anos - mas têm de agir. Não é justo que a população como um todo seja submetida a um ambiente tão vergonhoso e deprimente como é o de São Paulo.

Não sou saudosista a ponto de querer voltar ao tempo do prefeito Faria Lima, quando o símbolo da capital era uma bela rosa. Mas também não acho correto submeter um povo trabalhador a uma cidade imunda e abandonada.

Afinal, esse povo está seguindo as regras democráticas, comparece às eleições e escolhe ordeiramente os seus vereadores, prefeitos e governadores.

É hora de eles realizarem mais trabalho e menos política, limpando esta cidade que já foi orgulho do nosso país. Mãos à obra!

Texto II

São Paulo, 4 de agosto de 1997

Senhor Antonio Ermírio de Moraes:

Eu, como cidadã da cidade de São Paulo, li ontem na Folha de São Paulo a sua opinião sobre a sujeira de São Paulo, e como eu sou contra a sua observação, resolvi escrever-lhe para demonstrar como o senhor está enganado.

Pois São Paulo a cada dia que passa vem melhorando o seu ambiente, a população e os governadores estão fazendo o impossível para conseguir organizar e limpar São Paulo. Por exemplo, o nosso atual prefeito vem impondo rodízio de carro, para melhorar a poluição. Além disso, as margaridas estão nas ruas desde manhã até a noite limpando a cidade.

No entanto, as pessoas que moram nas ruas de São Paulo, e que você disse que emporcalham a cidade, são as que mais tentam deixar São Paulo limpa, pois elas moram perto dos rios e não têm interesse que o nível do rio suba e inunde as suas casas.

Então, o que posso concluir é que o senhor empresário está muito enganado sobre as condições da higiene da nossa cidade, pois a população e os governantes vêm criando projetos que estão dando certo, porque a cidade está mais limpa do que no ano passado.

Peço a você, Antônio que saia um pouco do seu escritório e veja como São Paulo têm mudado na higiene e limpeza da nossa cidade.

Obrigada pela atenção,
V.C.

1. Sobre o texto II, pode-se dizer que ele é um exemplo de carta argumentativa porque:

- Define um posicionamento em tom de autoridade e de forma unilateral.
- Discorre sobre um assunto polêmico, com uma visão particular.
- Apresenta um ponto de vista parcial e argumentos para convencer um opositor.
- Transgride as normas da língua culta e sugere mudanças ao interlocutor.
- Cria uma oposição direta entre duas pessoas, com discurso livre.

2. Alguns elementos exclusivos de uma carta argumentativa aparecem no texto II. São eles:

- Neologismos, marcação temporal e referências ao interlocutor.
- Despedida, caracterização do emissor e tom pernóstico.

- c) Pronomes, data e marca de autoridade.
- d) Vocativo, assinatura e interpelação ao interlocutor.
- e) Termos coesivos, pronomes e referências ao texto original.

3. Uma das medidas de uma boa carta argumentativa é o seu poder de convencimento e de persuasão. No caso da carta de V.C., pode-se dizer que ela é:

- a) Eficaz, pois se utiliza de uma argumentação direta para convencer o interlocutor.
- b) Eficaz, uma vez que lança mão de contra-argumentação, apontando as falhas da visão do interlocutor.
- c) Ineficaz, posto que não se utiliza das falhas da visão do interlocutor e nem apresenta argumentos irrefutáveis.
- d) Ineficaz, porque não se preocupa em estabelecer uma lógica argumentativa, por vezes atacando o interlocutor, por outra realçando o ponto de vista do emissor.
- e) Ineficaz, já que não tem teor argumentativo, apenas expositivo.

4. Outra crítica feita por V.C. também diz respeito a uma falha na visão de quem suja cidade. Da forma como é colocado por V.C., parece que o articulista faz isso porque:

- a) Desconhece a classificação exata da parcela a que se refere.
- b) Possui uma visão elitista e desconhece as classes inferiores à sua.
- c) Tem a intenção de confundir o leitor, a fim de fazê-lo concordar com sua visão.
- d) Não havia termo mais adequado para designar com amplitude todos os tipos a quem ele se refere.
- e) Pretende atribuir um valor negativo a todos que se comportam de forma diferente da sua.

5. Quanto ao efeito pretendido pela carta, são feitas as seguintes afirmações:

- I. A carta funciona como uma forma de mostrar as intenções eleitoreiras subjacentes de Antônio Ermírio de Moraes.
- II. A carta se preocupa em explicitar as contradições da visão de Antônio Ermírio de Moraes, com generalizações e conceituações equivocadas.
- III. A carta demonstra apenas a visão do autor quanto à questão da limpeza de São Paulo, sem se preocupar com as opiniões de Antônio Ermírio de Moraes.

Estão incorretas as opções:

- a) I e II
- b) I e III
- c) II e III
- d) I, II e III
- e) Nenhuma delas

6. Pode-se afirmar que a carta de V.C. possui uma informalidade que não condiz com a distância existente entre emissor e receptor no que concerne à relação interpessoal. Em que trecho isso pode ser observado? Indique-o.
7. Uma crítica que pode ser feita à argumentação de V.C. diz respeito ao fato dela ser cíclica. Explique o que isso significa e demonstre, com passagens do texto, de que maneira isso ocorre.
8. Para V.C., um ponto compromete a argumentação de Antônio Ermírio de Moraes, tendo relação com a sua condição de vida. Explique.

TEXTO III

Campinas, 30 de novembro de 1997.

Ilmo. Sr. Antonio Ermírio de Moraes

Como estudante e cidadã desse país, não pude deixar de lhe escrever ao ler seu artigo de 03 de agosto de 1997 que trata da imundície da cidade de São Paulo.

Em primeiro lugar, digo-lhe que o senhor entrou em contradição. Disse que os menos abastados são os que mais valorizam a limpeza, mas, apesar da afirmação anterior, todos os exemplos de sujeira de seu texto são causados pela miséria, como cozinhar debaixo dos viadutos ou pendurar roupa encardida nos galhos de árvores. Essas pessoas que não têm moradia, não têm emprego, que nunca freqüentaram escolas são muito mais miseráveis do que os “pseudo-pobres” que o senhor chamou de limpos.

Em segundo lugar, essas pessoas imundas, como o senhor mesmo disse com um certo tom de preconceito, agem dessa forma por falta de opção. Elas vivem totalmente à margem da sociedade, em condições subumanas, pois a estes que também deveriam ser considerados cidadãos não foi dada nenhuma chance.

Digo-lhe também que, excetuando-se os sonegadores, são os ricos que pagam impostos, e ao fazê-lo, canalizam parte do dinheiro para a limpeza de sua cidade. Mas antes de os contribuintes se sentirem provocados pela imundície da cidade, deveriam refletir e pensar mais em quem eleger nas próximas eleições. Ao invés de votar nos candidatos favoráveis aos seus interesses pessoais, deveriam votar naquele que realizará algo no setor social, pois se a qualidade de vida da população pobre melhorasse, existiria menos miséria, violência e também menos sujeira.

Por falar de eleições, senhor Antonio Ermírio de Moraes, ocorreu-me que em seu artigo o senhor fez várias críticas às autoridades, responsabilizando-as pela imundície da cidade. Será

que talvez o senhor não esteja querendo atingir o atual governo, visando sua posição nas próximas eleições?

A sujeira da cidade de São Paulo só vai ter fim quando for dada à população miserável condições de vida dignas de todo ser humano e todo cidadão. Isto é democracia, senhor Antonio Ermírio. Isto é o que queremos.

Atenciosamente,
T.D.T.

9. Para T.D.T., um ponto da argumentação de Antônio Ermírio de Moraes representou um erro por se desenhar como preconceituoso. Explique.

10. Pela leitura global do texto, pode-se dizer que T.D.T. fez uso de uma argumentação eficiente? Justifique.

11. Na defesa de um ponto de vista, muitas vezes o uso de um vocabulário forte auxilia bastante o argumentador. No caso do texto III, duas palavras foram utilizadas como síntese do ponto principal de dois argumentos. Quais são elas?

12. Uma crítica a determinado setor da sociedade fica evidente no texto de T.D.T., ainda que não seja o ponto principal de sua argumentação. A passagem em que isso se observa é:

- a) *“Essas pessoas que não têm moradia, não têm emprego, que nunca freqüentaram escolas são muito mais miseráveis do que os “pseudo-pobres” que o senhor chamou de limpos.”*
- b) *“essas pessoas imundas, como o senhor mesmo disse com um certo tom de preconceito, agem dessa forma por falta de opção.*
- c) *“pois a estes que também deveriam ser considerados cidadãos não foi dada nenhuma chance.”*
- d) *“excetuando-se os sonegadores, são os ricos que pagam impostos, e ao fazê-lo, canalizam parte do dinheiro para a limpeza de sua cidade.”*
- e) *“o senhor fez várias críticas às autoridades, responsabilizando-as pela imundície da cidade.”*

13. Por que, no que diz respeito à despedida do texto III, pode-se dizer que foi utilizado um recurso bastante eficiente para causar impacto em relação ao leitor?

14. Em que medida a carta de T.D.T. aproxima-se da carta de V.C.? Por que, então, elas não podem ser apontadas como igualmente eficazes?

TEMA PARA DISCUSSÃO

Após termos estudado toda a teoria relativa à carta argumentativa, é hora de colocarmos os conhecimentos em prática. A seguir, uma proposta é oferecida, cada uma com um caráter diferente. Escolha a que mais lhe agrada e bom trabalho.

Proposta 1

TEXTO 1

Confesso que fui tomada por um profundo sentimento patriótico e orgulho de ser brasileira ao ligar a televisão e deparar-me com o que chamo de amor à nação: um hino à vida dos cidadãos brasileiros. Num momento de pessimismo extremo, onde todas as pessoas públicas referem-se ao povo brasileiro como “essa gente tão sofrida e cansada de tanta corrupção” é louvável e de muito bom grado que se deixe claro que, por mais que a vida esteja difícil, há sempre um caminho a seguir: duro, pesado e cheio de contratempos e armadilhas no início, todavia belíssimo, reconfortante e gratificante no final. O Brasil é isto: força de vontade para vencer! Antes de nos entregarmos ao derrotismo, levantemos a cabeça e tentemos outra vez! Ao governo, parabéns pela brilhante iniciativa. Pois o melhor do Brasil é, sem dúvidas, o brasileiro.

(Raquel Pereira de Azevedo, “Cartas dos Leitores”, jornal O Globo, 29/08/2004)

TEXTO 2

Acreditar que o melhor do Brasil é o brasileiro chega a ser absurdo. Em meio a assassinatos de mendigos nas ruas, desvio de verbas a todo instante, inúmeros casos de corrupção e outras “belezas naturais” que a nossa população tem mostrado possuir nos últimos anos, não dá para acreditar que alguém ainda possa se sentir valorizado por uma campanha ufanista como essa. Sucesso é privilégio de poucos, e os exemplos são cada vez mais raros. Não há um Ronaldinho ou um Herbert Vianna em cada esquina. Sem dúvidas, é preciso muito mais do que superação para acreditar que ainda há futuro para um país envolto em tantas falhas históricas. Para efeito turístico, o melhor do Brasil ainda é o visual, desde que estampado em um cartão postal. Para efeito de nossa própria sociedade, o melhor do Brasil são os aeroportos: pelo menos é uma opção de saída antes do desastre total.

(Ivan Garcia Junqueira, “Carta dos Leitores”, jornal O Globo, 30/08/2004)

As cartas acima foram enviadas ao jornal O Globo motivadas pela campanha do governo nacional, veiculada em todos os meios de comunicação, que defendia que “o melhor do Brasil é o brasileiro”. Como você pode notar, ambas posicionam-se de forma distinta quanto à serventia e à lógica da iniciativa.

Sua tarefa é redigir uma carta argumentativa, escolhendo um dos dois interlocutores e assumindo uma posição de discordância quanto à visão por ele apresentada. Se julgar

necessário, utilize as idéias do interlocutor não escolhido por você para melhor fundamentar seus argumentos.

ATENÇÃO: ao final, assine sua carta como “um brasileiro” ou “uma brasileira”.

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

O trabuco gentil

Há blitz e blitz. E, por mais chato que seja cair numa barreira policial numa estrada escura, parar diante de um carro da PM na subida de Petrópolis, agora que a velha rodovia no fundo da Baixada Fluminense virou um corredor de favelas sujeito a assaltos quase diários, chega a ser um alívio. Pior seria a alternativa.

No caso, tratava-se ainda por cima de uma abordagem extraordinariamente gentil. O pedido para embicar para o acostamento soou quase como um salamaleque. “O Sr. se incomodaria de chegar o carro um pouco mais para a direita?”, disse o jovem PM, antes de pegar os documentos, como se fossem pergaminhos raros, que devem ser manuseados com uma certa cerimônia.

Estava fazendo tudo para agradar. Ou para incomodar o mínimo possível, o que nas circunstâncias é mais ou menos a mesma coisa. Deu para perceber, de cara, que andava atrás de assaltantes, e não de um cidadão desprevenido, pronto para ser encurralado num canto esquecido do Código Nacional de Trânsito.

Foi rápido. Ele deu uma olhada nos papéis. E devolveu-os sem inventar histórias. “Tudo em ordem”, anunciou, antes de perguntar, com um interesse que parecia genuíno: “Vai para Itaipava?”. Não, o destino era Santos Dumont, além de Juiz de Fora, em Minas Gerais. “Algum problema?” Nenhum. O PM se limitou a comentar que “era longe”.

Dali a Santos Dumont, ele calculou, “seriam umas três horas de viagem”. Para quem não a conhece, a estrada de Petrópolis foi a primeira estrada brasileira que fez um esforço sério para livrar o país da tradição de trilhas carroçáveis, que atazanavam os viajantes no tempo em que o sertão começava nas portas da cidade do Rio de Janeiro.

Já foi um lugar bonito, aonde se ia a passeio, aproveitando qualquer pretexto para passear de carro entre árvores centenárias, mirantes, margens acarpetadas por marias-sem-vergonha, restaurantes panorâmicos e bicas d’água. Da antiga paisagem sobrou a parte que atravessa as terras da Fazenda Real, onde a família Orleans e Bragança manteve fora do circuito de invasões as encostas cobertas de mata atlântica.

O resto, entregue à administração pública, acabou tão puído por construções irregulares e ruínas regulares, que em certas horas do dia a velha União Indústria tem mais gente a pé no acostamento do que carro na pista. O fato de não se verem tantas casas, como nos morros cariocas, é uma ilusão cenográfica criada pela topografia. Ali a favela se esparrama principalmente dos precipícios para baixo. E, assim, os forasteiros só ouvem falar delas quando

num verão ou outro as tempestades fazem, com enxurradas mortais, os programas de remoção que as autoridades desistiram de fazer a frio.

Num cenário desses, parar numa blitz da polícia não deixa de ser um sinal de que o governo, qualquer governo brasileiro, por mais distante que esteja do cotidiano brasileiro, ainda existe. Logo, palmas para o PM da subida de Petrópolis, que ele merece – a não ser por um pequeno detalhe. Durante toda a conversa resumida nos parágrafos acima, ele empunhava na mão direita um revólver.

Sem que ele percebesse, a arma apontava para qualquer coisa que lhe ocupasse a atenção naquele momento – o carro, o acostamento, o cidadão ao volante. Não era um gesto agressivo ou de intimidação. Tratava-se, com toda a certeza, de uma norma de segurança que a prática transformou em cacoete. Em sua mão, o revólver ia e vinha mecanicamente, movido a pura distração. Podia ser ignorado por inofensivo, se neste momento o governo não estivesse metido numa campanha para ensinar aos brasileiros que com revólver não se brinca.

(Marcos Sá Corrêa, site No Mínimo – www.nominimo.com.br)

15. No 1º parágrafo, por duas vezes Marcos Sá Corrêa utiliza períodos pontuais que chamam a atenção pela mensagem contida neles.

a) Destaque-os.

b) Explique o que o autor quis dizer em cada um deles, à luz do que é apresentado ao longo do texto.

16. Corrêa demonstra em vários momentos que a situação ilustrada por ele não é o que se observa com frequência. No 2º parágrafo, porém, uma palavra serve como síntese da sua visão.

a) Retira-a.

b) Classifique-a morfologicamente.

17. Com que finalidade estilística o autor coloca o ponto final que separa as orações em “Estava fazendo tudo para agradar. Ou para incomodar o mínimo possível, o que nas circunstâncias é mais ou menos a mesma coisa.”?

18. No que diz respeito às intenções argumentativas, Marcos Sá Corrêa parece fazer uma crítica indireta à honestidade do setor policial-militar brasileiro. Indique a passagem que melhor ilustra isso

19. Em certo momento, o cronista parece se perder do foco pretendido ao iniciar o texto, como no caso dos parágrafos 5º e 6º. Pode-se dizer que isso constitui uma falha? Justifique.

20. Ao final do texto, uma outra crítica surge, dessa vez explícita e direta.

a) Qual é ela?

b) A quem é dirigida?

21. Explique o título da crônica de Marcos Sá Corrêa, levando em consideração a leitura global de seu texto.

Gabarito

15. a) “Há blitz e blitz” / “Pior seria a alternativa.”

b) O 1º demonstra a visão que o autor, bem como os cidadãos em geral, possui acerca de operações policiais, que muitas vezes não são feitas com seu real objetivo, o de cuidar da segurança da população. Já o 2º indica que, mesmo incertas, essas operações ainda são melhores do que lidar com a chance de ser assaltado.

16. a) “extraordinariamente”.

b) Advérbio de modo.

17. Dar ênfase à 2ª oração, destacando o seu sentido em oposição ao da anterior.

18. Deu para perceber, de cara, que andava atrás de assaltantes, e não de um cidadão desprevenido, pronto para ser encurralado num canto esquecido do Código Nacional de Trânsito.

19. Não, pois a caracterização do local feita por ele cria o contraponto ideal entre a beleza existente e os defeitos e perigos vindos com o progresso e o descaso político, o que fortalece ainda mais seu ponto de vista.

20. a) Em plena campanha pelo desarmamento, um policial, que deveria dar o exemplo e só usar sua arma em caso de necessidade, manuseia a mesma descompromissadamente frente a um cidadão comum.

b) Às autoridades que propõem o desarmamento, mas não instruem seus membros e funcionários a darem o exemplo.

21. “Trabuco”, na fala popular, em especial dos criminosos, é a denominação dada às armas de fogo. Por isso, é carregada de um simbolismo negativo. Assim, ao se referir a um “trabuco gentil”, Marcos Sá Corrêa cria uma oposição que faz referência à ação do policial ilustrada ao final do texto, com a arma em punho, e a seu comportamento educado, diferente do convencional.